O estilo na filosofia da religião: uma leitura a partir de Mark C. Taylor

Style in the Philosophy of Religion: A Reading from Mark C. Taylor

Danilo Souza Mendes de Vasconcellos[202]
Professor de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação (MG)

Resumo: Um dos desenvolvimentos do pensamento de Mark C. Taylor versa sobre a questão do estilo na filosofia contemporânea da religião. Criticando a divisão entre filosofia continental e analítica, o autor sugere que há outras possibilidades de interpretação da possível divisão que marca o nosso tempo: a partir do eixo do estilo. Por um lado, há uma filosofia da religião que dialoga com a arte e se apropria de seu estilo; de outro lado, o mesmo acontece em relação à ciência. Todavia, diferentemente daquela, essa filosofia da religião opta por um "estilo não estilístico" – o que parece impossível a Taylor. Por isso, esse autor sugere que a adoção e a assunção clara das bases estilísticas nas quais se faz filosofia da religião determinam diretamente o modo como ela se constrói. Aqui há, de certo modo, uma percepção ontológica do estilo na filosofia da religião. Nosso objetivo com esse artigo é apresentar a argumentação de Mark C. Taylor, considerando suas fragilidades e peculiaridades a fim de pensar em contribuições epistemológicas para a ciência da religião a partir da filosofia da religião. Com isso, refletimos diretamente sobre como a filosofia, muitas vezes negada a ser parte da ciência da religião, pode com ela contribuir criativa e efetivamente.
Palavras-chave: Filosofia da religião; estilo; Mark C. Taylor.

Recebido em: 15 ago. 2025 Aprovado em: 9 nov. 2025

[202] Doutor e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com bolsa CAPES. Foi pesquisador de pós-doutorado no PPG de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, investigando o fenômeno da pós-política no âmbito da teologia política. É bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, e em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Menção Honrosa no Prêmio CAPES de Teses 2024. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/3592452346798146 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2810-099X E-mail: danilo.smendes@hotmail.com

Abstract: One of the developments in Mark C. Taylor's thought is the problem of style in contemporary philosophy of religion. Criticizing the division between continental philosophy and analytic philosophy, the author suggests that there are other possibilities for interpreting the potential division that marks our time: from the axis of style. On one hand, there is a philosophy of religion that engages with art and appropriates its style; on the other hand, the same happens in relation to science. However, unlike the former, the second type of philosophy of religion opts for a "non-stylistic style" – which seems impossible to Taylor. Therefore, this author suggests that the adoption and clear assumption of the stylistic bases on which philosophy of religion is made directly determines how it is constructed. Here, there is, in a way, an ontological perception of style in the philosophy of religion. Our goal with this article is to present Mark C. Taylor's argument, considering its weaknesses and peculiarities in order to think about epistemological contributions to the science of religion from the philosophy of religion. Thus, we directly reflect on how philosophy, often denied as a part of the science of religion, can contribute creatively and effectively to it.
Keyword: Philosophy of Religion; Style; Mark C. Taylor.

Introdução

Roy F. Baumeister, psicólogo social estadunidense, apontou em algumas de suas pesquisas (sobretudo em "The psychology of irrationality: Why people make foolish, self-defeating choices" [2002]) que o processo de tomada de decisões, por menores que elas sejam, afeta o desempenho mental podendo causar, no fim, um cansaço extremo, chamado pelo autor de *decision fatigue*, ou fadiga de decisão. Essa teoria, popularizada nos Estados Unidos por um jornalista na *New York Times Magazine* (Tierney, 2011), foi usada por diversos CEOs de grandes empresas para justificar certas decisões, sobretudo no ramo da moda. Mark Zuckerberg, fundador do *Facebook*, por exemplo, disse em entrevista que usa a mesma camiseta todo dia, sendo dono de vinte peças iguais (Yarow, 2012). Por mais insignificante que pareça, a opção de Zuckerberg está diretamente relacionada à teoria de Baumeister: sem opções de camiseta, o CEO está fadado a usar sempre a mesma roupa, sem precisar fazer escolhas. Isso, para ele, evitaria uma decisão em seu dia, a de escolher a roupa, e economizaria seu tempo, contribuindo para que não se estafasse mentalmente. Como justificativa, Zuckerberg aponta que outros importantes homens

tomaram a mesma decisão: o ex-presidente Barack Obama não escolhia sua própria roupa, embora ela variasse, e o criador da Apple, Steve Jobs, também usava a mesma roupa todos os dias.

Nesse ponto, justamente, começa a aparecer o fundo não dito da escolha de Zuckerberg. Steve Jobs, uma de suas inspirações para a opção de moda, não escolheu repetir seu visual para evitar o microgerenciamento de escolhas diárias e evitar a fadiga de decisões. Após conversar com o designer japonês Issey Miyake, Jobs decidiu criar um uniforme para os funcionários da Apple, inspirado nos uniformes da Sony, e, também, decidiu usar um uniforme ele mesmo, a camisa preta de gola rolê, que ficou registrada como sua marca pessoal. Conforme narra Walter Isaacson, seu biógrafo, a decisão de Jobs não foi apenas por conveniência, mas para criar um estilo próprio dele. Nesse sentido, o significado de sua roupa era similar ao dos uniformes:

> os uniformes desenvolveram seus estilos de marca, especialmente em empresas como a Sony, ajudando a criar um vínculo entre os empregados e a empresa. [... Jobs] também acabou gostando da ideia de ter um uniforme para si próprio, tanto pela conveniência diária (a razão que ele alegou) como pela capacidade de transmitir um estilo de marca (Isaacson, 2022).

Aqui, percebemos o que parecia soterrado em Zuckerberg: a sua opção de repetir a mesma roupa todos os dias não é uma recusa ao estilo, mas uma escolha estilística bastante específica que, entre outros valores, tenta esconder o próprio estilo. Enquanto Jobs admitia a função estilística de sua escolha de moda, transmitir uma mensagem de marca, Zuckerberg nega a função – mas ela continua lá. Essa impossibilidade de fugir do estilo na moda se repete na filosofia da religião para Mark C. Taylor. O professor estadunidense do departamento de Religião da Universidade de Columbia, em Nova York, defende que a diferença entre a filosofia continental e a filosofia analítica se encontra, justamente, na relação de cada uma com a questão do estilo: enquanto uma o abraça artisticamente, a outra tenta sublimá-lo cientificamente. De um jeito ou outro, não se pode fugir a um estilo, seja ele qual for.

A organização da filosofia contemporânea entre analítica e continental, embora possua seus limites, uma vez que a metáfora geográfica não abarca a totalidade das tendências filosóficas europeias e anglo-saxões, explica de modo satisfatório como essas duas correntes se distinguem. A filosofia analítica

diferencia-se como uma corrente da filosofia contemporânea que parte do logicismo como método de análise de problemas linguísticos, deixando a noção de história e o diálogo com a tradição como fundamentos ultrapassados pela lógica. Ela estaria, na metáfora geográfica, concentrada no Reino Unido, "na ilha". Já a filosofia continental, que diz respeito ao restante da Europa, sobretudo França e Alemanha, se coloca como uma filosofia que busca repensar a história da tradição filosófica, buscando aquilo que permaneceu impensado[203].

Partindo dessa separação, este artigo tem por objetivo apresentar a argumentação de Mark C. Taylor sobre a questão do estilo, considerando suas fragilidades e peculiaridades, a fim de pensar em contribuições epistemológicas para a ciência da religião a partir da filosofia da religião. Para tal, partimos da leitura que Taylor propõe sobre o estilo na filosofia contemporânea; passamos às bases de uma filosofia continental da religião e, por fim, refletimos diretamente sobre como a filosofia, muitas vezes negada a ser parte da ciência da religião, pode com ela contribuir criativa e efetivamente. Nesse sentido, pretendemos apontar as possibilidades epistemológicas para a filosofia da religião na ciência da religião. Em uma reflexão metateórica, apontamos que, diante de uma ontologia do estilo, admiti-lo como parte dos estudos sobre religião é uma escolha conceitual importante que indica, no limite, ser claro quanto aos próprios pressupostos da pesquisa.

1 Uma questão de estilo

Mark C. Taylor, apesar de não refletir diretamente sobre o estado atual da filosofia da religião, se debruça sobre a filosofia contemporânea em geral a partir de suas duas correntes majoritárias: a analítica e a continental para, a partir daí, refletir sobre a filosofia da religião. Apropriando-se do texto de Paul Tillich "Dois tipos de filosofia da religião" (2009, p. 47-67), o autor aproxima a tese do teólogo alemão à situação bipartida da filosofia contemporânea. Para Taylor, filosofia analítica e filosofia continental se aproximam das abordagens cosmológicas e ontológicas, respectivamente. Retomemos: no caso do argumento cosmológico, a relação entre Deus e ser humano é indireta, isto é, mediada, uma vez que Deus é transcendente ao mundo e à subjetividade humana; no argumento ontológico, ao contrário, Deus é imanente tanto ao

[203] Para uma leitura mais acurada, recomendamos a abordagem de Ivan Domingues em *O continente e a ilha* (2017), para quem a filosofia analítica se caracteriza pelos experimentos mentais lógicos enquanto a filosofia continental se envolve na ininterrupta interpretação e reinterpretação da história da filosofia.

mundo quanto à subjetividade e, portanto, a relação entre Ele e o ser humano é direta, pois eles já estariam interligados de algum modo. O primeiro, na medida em que aparta fatalmente as palavras e as coisas, postula as bases sobre as quais a filosofia analítica se constitui. Ora, se os signos estão qualitativamente distantes de seus significados, assim como o ser humano e Deus, o único modo possível de conhecimento é *a posteriori*: ao observar a lógica da natureza pode-se apreender algo sobre ela. Assim, o argumento cosmológico carrega em germe os princípios da filosofia analítica, para Taylor. Por outro lado, a filosofia continental se encarrega de uma reflexão, geralmente *a priori*, sobre como o pensamento é possível a partir de Deus, já que esse conhecimento é um com o conhecimento da verdade.

A proposta de leitura do autor, todavia, não se baseia diretamente numa lógica epistemológica sobre a qual se constituiriam monismos e dualismos, como ele delimita alhures (2007, p. 37-40), mas no estilo de filosofia da religião. Diz Taylor:

> em vez de reciclar a antiga distinção entre filosofia anglo-americana e continental, é mais útil contrastar dois estilos de filosofar: um que se molda pela arte e outro que se molda em uma interpretação da ciência que se coloca em oposição à arte. Esse modo de colocar a questão é deliberadamente provocativo porque sugere que não há nada fora ou para além do estilo. Além disso, arte e estilo são inseparáveis – não há arte sem estilo e nem estilo sem arte. É ilusório, portanto, estabelecer uma rígida e rápida oposição entre ciência e arte. Assim como há uma dimensão religiosa em toda cultura, há também uma dimensão artística em todo pensamento criativo e, assim como a religião é frequentemente mais significante onde ela é menos obvia, também o estilo é frequentemente mais influente onde ele permanece despercebido. A escolha não é entre estilo e não estilo, mas entre um estilo que reprime suas facetas artísticas e estéticas, e um estilo que as expressa artisticamente [204] (Taylor, 2013, p. 257).

[204] Tradução nossa. Em inglês: “Instead of recycling the tired distinction between Anglo-American and continental philosophy, it is more helpful to contrast two styles of philosophizing: one that models itself on art and one that models itself on an interpretation of science that sets itself in opposition to art. This way of posing the issue is deliberately provocative because it suggests that there is nothing outside or beyond style. Furthermore, art and style are inseparable—there is no art without style and no style without art. It is, therefore, misleading to set up a hard and fast opposition between science and art. Just as there is a

Pelo menos três importantes pontos precisam ser aqui destacados: a) a questão do estilo como diferença entre filosofia analítica e continental; b) sua relação com a ciência e com a arte; c) uma ontologia do estilo no pensamento criativo. Em relação ao texto de Tillich, ao qual faz referência, Taylor se posiciona em uma perspectiva substancialmente diferente. Ao delimitar seus dois tipos de filosofia da religião, Tillich investiga os modos de interpretação da relação entre ser humano e Deus. Quando lido sob o signo da argumentação acerca da existência de Deus, esse tipo específico de estudo em filosofia da religião é tradicionalmente abordado pela corrente analítica[205]. Por isso, a análise Taylor, embora se inspire na de Tillich, possui uma diferença fundamental: ao analisar os estilos de filosofia da religião, o autor, além de rejeitar a ideia de comprovação da existência de Deus, se posiciona fora do âmbito analítico e dentro do continental. A diferença que traça, portanto, entre os tipos de filosofia da religião não se baseia numa divergência de método argumentativo nem de lógica, mas de estilo. Isso significa que essa diferença entre filosofia analítica e continental, para Taylor, não tem a ver primeiramente com as temáticas sobre as quais se debruçam, mas sobre o modo como expressam seus pensamentos.

Esse modo estilístico se dá entre arte e ciência. Da primeira se apropriam as chamadas filosofias continentais, da segunda a analítica. Todavia, ressalta Taylor, não há uma contradição entre os dois aqui, mas uma divergência na relação estilística com a própria noção de estilo: enquanto a filosofia continental assume seu estilo aproximando-se da arte, a filosofia analítica reprime a arte como se pudesse com isso fugir de uma escolha estilística. Para tal, sua escolha é se aproximar da ciência enquanto modo de discurso e análise da realidade. Na medida em que o conhecimento não pode mais se basear somente em uma subjetividade fundada na noção de indivíduo, a filosofia analítica se ocupa das leis lógicas que devem encontrar correspondência intersubjetiva na realidade física. Dessa forma, a filosofia se debruçaria sobre essas leis que fundamentam a experiência humana de mundo. A corrente continental, por outro lado, não atribui à ciência a capacidade de um recomeço

religious dimension to all culture, so there is an artistic dimension to all creative thinking, and just as religion is often most significant where it is least obvious, so style is often most influential where it remains unnoticed. The choice is not between style and nonstyle but between a style that represses its artistic and aesthetic facets and a style that expresses them stylistically." Doravante, toda tradução nossa indicará o original em nota de rodapé.

[205] Vide, por exemplo, a *Filosofia da Religião* de John Hick (1970) e *Deus, a Liberdade e o mal* (2012) de Alvin Platinga. Ambos fazem um tipo de filosofia analítica da religião que se volta a avaliar argumentos e a coerência de questões como a existência de Deus e a origem do mal.

pós-metafísico da filosofia. Ela se aproxima da arte, portanto, na medida em que essa possibilita uma reinterpretação indefinida da história e da tradição com vistas a pensar o que permaneceu impensado.

A adoção da arte como modo no qual a filosofia continental se molda revela, para Taylor, que apontar uma contradição entre arte e ciência seria uma atitude descabida. Consequentemente, não se pode também inferir posição oposta entre estilo e não estilo. A adesão à arte demonstra, para nosso autor, a aceitação de que o estilo é parte importante do fazer filosófico e que é crucial desenvolvê-lo ao longo da própria argumentação enquanto forma de discurso. Na medida em que a ciência nega o estilo em favor de uma rígida objetividade, todavia, não se pode dizer que a filosofia analítica não possui estilo. Antes, seu estilo se constitui reprimindo-se em favor de uma pretensa objetividade que representaria, com clareza, a lógica da realidade.

O que a leitura de Taylor aponta, portanto, é que, independentemente da posição filosófica sobre o estilo, não se pode fugir dele. Dessa forma, o autor parece fundar uma ontologia do estilo no pensamento criativo, isto é, uma relação de dependência na qual um não é possível sem o outro. Essa "ontologia" estabelece que o estilo (independente de qual seja) é condição de possibilidade para o desenvolvimento do pensamento criativo. Cabe a esse optar por abraçá-lo artisticamente, como o faz a filosofia continental, ou reprimi-lo em nome de ideais científicos de objetividade pura. Embora Taylor não trate sobre isso, assumimos que outras possibilidades estilísticas também são possíveis ao pensamento criativo, como a aproximação à própria religião e outros tipos de conhecimento sem que isso implique, necessariamente, uma repressão do estilo. Em resumo, diz o autor:

> Enquanto a filosofia analítica moderna busca fundamentos seguros em conceitos claros e fatos verificáveis, a filosofia continental pós-moderna revela a ausência de fundamento em habilidosos trabalhos que nos colocam de frente para o que está sempre virando de costas. Os mais interessantes filósofos percebem o que os melhores cientistas também sabem: há um aspecto inegavelmente poético em seus trabalhos. E os melhores artistas e escritores sabem que há uma dimensão inegavelmente filosófica – mesmo teológica ou ateológica – em seus trabalhos[206] (Taylor, 2013, p. 281).

[206] "While modern analytic philosophy seeks secure foundations in clear concepts and verifiable facts, postmodern continental philosophy reveals the absence of ground in artful works that turn us toward what is always turning away. The most interesting philosophers realize what the

Aqui, Mark C. Taylor reforça os pontos que buscamos sublinhar nos últimos parágrafos. A partir de certa ontologia do estilo no pensamento criativo, não há como dividir definitivamente filosofia analítica e filosofia continental porque, independentemente de suas opções, ambas estão sob o domínio do estilo – quer reconheçam, quer não.

2 Fundamentos para uma filosofia continental da religião

A separação que Taylor faz entre filosofia continental e filosofia analítica a partir da noção de estilo, para além de mera análise, indica um radical posicionamento desse autor. A esse ponto já deve estar claro que ele se coloca ao lado e a favor do primeiro em sua aproximação com a arte. Para nossa reflexão, esse posicionamento é mais do que uma soma biográfica do autor que estamos investigando: ele nos impulsiona a pensar os fundamentos de uma filosofia continental da religião. Sua aproximação com a arte não se dá, fundamentalmente, no conteúdo sobre o qual busca refletir. Claro que, em seguida, como indicamos anteriormente, a filosofia da religião se aproxima das mais diversas formas de arte. O que importa, antes, para Taylor, é a questão estilística: o caráter hermenêutico da arte contribui com a filosofia continental na medida em que inaugura um espaço aberto que deve ser mantido sempre assim.

Esse espaço é a abertura mesma que se volta contra qualquer pretensão de completude. Isso significa que não apenas a arte com a qual se corresponde tem uma multiplicidade interpretativa que não lhe permite fechamento sistemático, mas também a própria filosofia que dela se aproxima. Ao contrário da pretensão de cientificidade da filosofia analítica, a filosofia continental permanece hermeneuticamente aberta. Com isso, não queremos afirmar que aquela se coloca em posição imutável, já que a própria ciência postula rígidos critérios de verificabilidade que a tornam sempre passível de mudança[207]. Apesar de tais critérios, a ciência, bem como a filosofia analítica, tem pretensão de validade universal, isto é, para todos os casos em todos os tempos (mesmo sabendo que é uma meta inalcançável). A filosofia continental, por outro lado,

---

best scientists also know: there is an undeniable poetic aspect to their work. And the best artists and writers know that there is an undeniable philosophical— even theological or a/theological—dimension to their work".

[207] Vide, por exemplo, o conceito de falseabilidade em Karl Popper: no pensamento deste autor, para uma teoria científica ser intersubjetivamente validada, ela necessita ser falseável, isto é, deve haver a possibilidade de que ela seja superada. Dessa forma, uma ciência segura seria estabelecida sempre de modo aberto, uma vez que nenhuma teoria poderia se colocar de modo unívoco (Popper, 1972).

não tem por interesse postular tal universalidade, independentemente de sua possibilidade. Dessa forma, Taylor se coloca ao lado de uma filosofia continental da religião que, ao se aproximar metodologicamente da arte, não tem pretensões últimas de estabelecer verdades metafísico-normativas sobre a religião, mas de fornecer interpretações múltiplas sobre ela.

Aqui é preciso salientar ainda um ponto: mais do que opção e posicionamento crítico de Taylor, a relação estilística da filosofia continental da religião com a arte é uma exigência do próprio objeto religião. Se tomarmos a definição de religião de Taylor[208], percebemos que os dois momentos da religião enquanto sistema complexo correspondem ao movimento entre constituição/desfundamentação do processo criativo como tal. Remetendo a Kant (2016), Taylor afirma que, na medida em que a estrutura da religião a aproxima da quase dialética entre presentação e representação, o objeto da filosofia da religião se coloca, também, como um processo criativo tal qual a arte. Por isso, na argumentação de Taylor, a religião deve ser interpretada a partir de uma filosofia que se posiciona estilisticamente junto à arte. Essa duplicidade também é percebida pelo autor na relação entre o dionisíaco e o apolíneo, seguindo a filosofia de F. Nietzsche (1992) em *O nascimento da tragédia*. Diz Taylor: "Dionísio precisa de Apolo tanto quanto Apolo precisa de Dionísio. Dionísio perturba e desloca as estruturas estáveis que Apolo molda, e Apolo cria a ordem que Dionísio rompe"[209] (Taylor, 2013, p. 285). Essa codependência entre ordem e caos, que constitui do mesmo modo a estrutura da religião e da imaginação enquanto processo criativo, indica que há um caráter intrínseco à religião que requer que seu tratamento adequado se molde a uma recepção positiva do estilo e, para tal, abrace a arte. Para Taylor, por fim, a filosofia continental da religião estabelece um nexo entre filosofia, literatura, teologia e religião que, em suas palavras, é "quase infinito/ talvez divino"[210] (Taylor, 2013, p. 286). Essa circularidade corrobora nossa leitura de que a aproximação da filosofia com a arte não é mera opção aleatória, mas uma exigência da religião mesma.

Precisamos, frente a essa disposição de assumir uma filosofia continental da religião, questionar a coerência interna do pensamento de

---

[208] "Religião é uma rede emergente, complexa e adaptativa de símbolos, mitos e ritos que, por um lado, figura esquemas [schemata] de sentimento, pensamento e ação de modo a emprestar sentido e propósito à vida e que, por outro lado, rompe, desloca e desfigura toda estrutura estabilizadora" (Taylor, 2007, p. 12)

[209] "Dionysus needs Apollo as much as Apollo needs Dionysus. Dionysus upsets and dislocates the stabilizing structures that Apollo fashions, and Apollo creates the order Dionysus disrupts".

[210] "Almost infinite/ perhaps divine".

Taylor, uma vez que tanto a arte quanto a ciência fazem parte dos locais atípicos que o autor privilegia para pensar a religião[211]. Ora, se naquele ponto arte e ciência estão em pé de igualdade, por que não aqui? Embora haja uma substancial diferença quantitativa entre a aproximação de Taylor a cada um desses fenômenos, isto é, ele analisa a arte em uma quantidade consideravelmente maior de vezes do que a ciência, o autor não indica diferença qualitativa entre elas, como se a primeira fosse local mais privilegiado. Mais do que a opção por um estilo de filosofia da religião que se aproxime da arte, a rejeição de uma filosofia próxima da ciência, nesse ponto, poderia indicar uma profunda incoerência no pensamento de Taylor se considerado como um todo. Agrava-se ainda essa incoerência quando justaposta à noção de que a religião enquanto rede se constitui em total diálogo com outras esferas culturais, científicas e tecnológicas sem privilégio ou hierarquia nessas trocas. Essa acusação de incoerência, todavia, estaria baseada em um desentendimento da opção do autor que descrevemos acima. A aproximação com a arte se estabelece como modo de acolhimento do estilo e não, necessariamente, aproximação com o conteúdo artístico a ser analisado. Nesse sentido, Taylor também não nega a ciência enquanto *lócus* atípico no qual a religião pode se manifestar na contemporaneidade. O que se nega, antes, é a própria negação científica que se coloca em um estilo anti-estilístico e, consequentemente, nega as ricas possibilidades interpretativas de um fenômeno em busca do estabelecimento de um valor de verdade. Assim, nesse ponto, o pensamento de Taylor não nos parece incoerente.

A questão do estilo, entretanto, não se encerra meramente na aproximação com a filosofia continental. Verificamos, nesse ponto, um pressuposto latente que parece orientar o posicionamento de Taylor, ainda que ele não o deixe explícito. É reconhecida por ele mesmo a influência da leitura de Kierkegaard em seu pensamento, algo que aqui nos parece bastante claro, sobretudo se considerarmos a relação que o filósofo dinamarquês traça entre forma e conteúdo a partir da noção de comunicação indireta[212]. Para além de

[211] Um dos pressupostos fundamentais das obras de Taylor é o de que "a religião é, eu acredito, mais interessante onde ela é menos óbvia" (Taylor, 1999, p. 1). Por isso, ele busca pensar a religião fora das igrejas, mesquitas, terreiros etc., em passarelas, telas de cinema, teorias físicas etc., inclusive na arte e na ciência.

[212] A ideia de uma comunicação indireta diz respeito à relação entre forma e conteúdo no pensamento de Kierkegaard. Para ele, uma verdade existencial não pode ser comunicada diretamente de um indivíduo a outro, sob o risco de perder a essência da verdade mesma. Daí a importância da comunicação indireta: um modo de falar sobre um conteúdo sem revelá-lo ultimamente. Isso se demonstra, por exemplo, na seguinte passagem de Kierkegaard:

Kierkegaard, devemos considerar aqui como Taylor recepciona e articula essa noção ao longo de sua obra. Comentando a importância da questão da pseudonímia kierkegaardiana, diz Taylor:

> A natureza mesma da verdade religiosa torna esse método [comunicação indireta] necessário. Como vimos, a verdade religiosa é subjetiva, ou um processo apropriativo no qual se atualizam possibilidades imaginadas. Porque o produto final da verdade religiosa é a transformação da vida pessoal, tal verdade não pode ser comunicada diretamente para outra pessoa. O máximo que se pode fazer é comunicar indiretamente. Ele pode oferecer a outra pessoa visões-de-mundo possíveis nas quais a outra pessoa pode se reconhecer, e se esforçar para realizar [213] (Taylor, 1975, p. 60-61).

A questão do estilo na filosofia da religião, embora não esteja assim descrita, encontra sua base implícita na formulação de uma correta relação entre forma e conteúdo conforme o pensamento kierkegaardiano que Taylor comenta acima. Primeiramente, o autor chama atenção para o fato de que a verdade religiosa, sendo subjetiva, tem a necessidade de um modo de comunicação indireta. As verdades subjetivas, diz Taylor, têm por finalidade a mudança existencial da vida humana e, por isso, não pode haver um conteúdo objetivo que a diga respeito diretamente. Se algo como uma "chave da felicidade", por exemplo, fosse apresentada objetivamente, ela não seria mais uma verdade existencial. Por isso, no caso dessas verdades, deve-se apresentar visões-de-mundo que revelem outras possibilidades que dependem do leitor mesmo para serem efetivas na concretude da existência. Mais do que a análise

---

"Objetivamente, acentua-se o que é dito; subjetivamente: como isso é dito [...]. Objetivamente, só se pergunta pelas categorias do pensamento; subjetivamente, pela interioridade. Em seu máximo, esse 'como' é a paixão da infinitude, e a paixão da infinitude é a própria verdade. Mas a paixão da infinitude é justamente a subjetividade, e assim a subjetividade é a verdade." (Kierkegaard, 2013, p. 213-214). Para uma acurada leitura (em forma e conteúdo) sobre a questão da comunicação indireta em Kierkegaard, recomendamos a dissertação de Paulo Henrique Lopes *O labirinto existencial-religioso: a dialética entre forma e conteúdo no estilo da obra kierkegaardiana* (2018).

[213] "The nature of religious truth itself makes this method necessary. As we have seen, religious truth is subjectivity, or an appropriation process in which one actualizes imagined possibilities. Because the end product of religious truth is the transformation of a personal life, such truth can be not communicated directly to another person. The most one can do is to communicate indirectly. He can offer to another person possible life-views in which the other person can recognize himself, and which he can strive to realize."

dos pormenores kierkegaardianos, interessa-nos o fato de que Taylor assume a importância de um estilo adequado de filosofia de acordo com seu objeto, a religião. Do mesmo modo que uma comunicação indireta importa à filosofia existencial de Kierkegaard, um estilo próximo da arte importa a uma filosofia continental da religião em Taylor. Independentemente de qualquer pretensão existencial sua, abraçar a inevitabilidade do estilo como ganho (em vez de fatalidade redutora) faz com que a filosofia da religião, nos moldes da proposta de Taylor, esteja adequada às características complexas de seu objeto na contemporaneidade. Analogamente, podemos afirmar que a questão do estilo está para a filosofia da religião de Taylor, como a comunicação indireta está para a filosofia existencial de Kierkegaard. E, assim como no pensamento do filósofo dinamarquês, para Taylor o estilo não é mero detalhe acessório ao conteúdo, mas parte fundamental dele.

3 Possibilidades e propostas epistemológicas

Por fim, voltamo-nos a pensar epistemologicamente sobre como essa filosofia da religião pode contribuir ativamente e fazer parte de uma ciência da religião. Devemos ter em mente que, em boa parte dos tratados epistemológicos sobre essa ciência, a filosofia da religião é excluída, como um tipo de reflexão demasiadamente parcial (contendo o risco de ser "criptoteológica") ou desnecessária à ciência primordialmente empírica da religião[214]. Mesmo que isso se dê desde as primeiras concepções dessa ciência, a filosofia da religião não parece ter se afastado totalmente dela. De fato, como ciência que se quer independente da política institucional que rege a teologia, a ciência da religião não poderia aceitar uma normatividade dogmática em si, ainda que ela viesse por meio da filosofia e não da teologia. Por isso, é necessário pensarmos nas possibilidades de contribuição da filosofia continental da religião à ciência da religião para além da normatividade teológica.

Nesse sentido, indicamos dois pontos: a) uma reflexão metateórica; e b) interpretações performáticas de conceitos religiosos. No primeiro caso, sugerimos que uma reflexão metateórica que se coloque para além da discussão epistemológica. Entendemos que essa discussão, embora também caiba à filosofia, não é exclusividade sua e nem teria sobre ela primazia. Ora, há

[214] O clássico Joachim Wach, por exemplo, diz que "Uma filosofia da religião estaria mais afinada com a teologia nos seus aspectos normativos, porém partilharia o seu assunto com a ciência da religião" (Wach, 1990, p. 11-12). Sobre a relação entre filosofia, fenomenologia da religião e a acusação de criptoteologia, indicamos o artigo de Frederico Piper "Fenomenologia da religião como essencialista e criptoteologia: reconsiderações críticas" (2019).

grandes possibilidades epistemológicas para a ciência da religião fora da filosofia, com a virada ontológica na antropologia, por exemplo. Assim, a reflexão metateórica se estabelece num campo mais delimitado, pensando tanto nas teorias conceituais da religião, quanto nas configurações teóricas que tais teorias devem apresentar para serem consideradas adequadas ou não. Isso não requer apenas interpretação, mas também certa normatividade para estabelecer critérios que nos permitam julgar boas e más teorias da religião. Na reflexão metateórica, o estilo da filosofia da religião se demonstra nas próprias dobras interpretativas e críticas de teorias já estabelecidas a fim de demonstrar seus horizontes e limites. Uma vez que não é possível lidar com o pensamento de outros autores sem uma recepção interpretativa, levar a sério essa tarefa por meio de um estilo não é tarefa secundária ou meramente formal, mas necessária.

Em segundo lugar, propomos as interpretações performáticas de conceitos religiosos. De algum modo, aqui voltamos a nos aproximar da filosofia analítica, sobretudo na medida em que se analisa logicamente os argumentos teológicos de certas tradições. Todavia, aqui a análise não pretende o objetivíssimo rigor científico, nem há demanda por afirmar valores de verdade nas tradições religiosas. Antes, a proposta é que se jogue performaticamente com os próprios conceitos e noções religiosos. A performance, nesse ponto, se faz justamente através do estilo. Aqui, busca-se levar a consequências ainda não pensadas as narrativas e ideias que permeiam as mais diversas tradições. Uma interpretação estética, nesse sentido, não se preocupa com a veracidade, mas, seguindo uma lógica interna, postula novas possibilidades interpretativas para os elementos religiosos. Nesse âmbito, a criatividade estaria no centro da filosofia continental da religião – justamente na medida em que aponta novos horizontes a partir de seu próprio objeto.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar a diferenciação que Mark C. Taylor faz entre filosofia analítica e filosofia continental, a partir do estilo, para tecer algumas reflexões acerca do possível papel da filosofia da religião na ciência da religião. Não tivemos por interesse dizer que toda filosofia dentro desta ciência deva seguir os caminhos aqui colocados. Parafraseando Heidegger, propusemos caminhos possíveis e não passagens obrigatórias. Isso significa que nossa proposta não tem peso de necessidade, como se ela fosse a única chance efetiva de diálogo entre filosofia da religião e ciência da religião. Antes, tivemos por interesse refletir sobre a questão do estilo e como ele pode influenciar o fazer filosófico nessa ciência.

Se é impossível fugir do estilo, como nos diz Taylor, parece-nos que é importante assumi-lo como tarefa pensada, isto é, lidar com ele explicitamente – seja colocando em primeiro plano, seja deixando-o como mais um dentre outros elementos. Nesse caso, não se recomenda ignorar o fato de que o estilo está por trás de todo e qualquer escrito, inclusive aqueles que não são filosóficos. Isso implica que o/a cientista da religião, no fim das contas, está colocando a si mesmo no texto, ainda que trate empiricamente de um grupo que não lhe diz respeito enquanto praticantes. Os/as *outsiders* estão sempre *inside* de sua pesquisa e o estilo, como um tipo de assinatura, demonstra isso. Cabe a cada um assumir, performativamente ou não, esse fato.

Em nossas reflexões, a filosofia da religião tem, de modo ainda mais enfático, o dever de assumir a questão do estilo e levar essa relação entre forma e conteúdo às últimas consequências, seja por meio de metateorias da religião, seja por meio de interpretações performáticas, como propusemos. Seja, ainda, por diversas outras formas criativas, aqui não contempladas, de lidar filosófica-artisticamente com os objetos que circundam a religião. Se o estilo, assim como a filosofia, parece ser um hóspede que se recusa a sair da ciência da religião, que façamos amizade com ele, bem como com ela, para uma convivência mais coerente e profícua.

Referências

BAUMEISTER, Roy F. The psychology of irrationality: Why people make foolish, self-defeating choices. In: BROCAS, I.; CARRILLO, J. *The Psychology of Economic Decisions*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

DOMINGUES, Ivan. *O continente e a ilha*. Duas vias da filosofia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2017.

HICK, John. *Filosofia da Religião*. Trad. de Therezinha Alvim Canabrava. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

ISAACSON, Walter. *Steve Jobs*: a biografia. Trad. de Denise Bottmann, Pedro Maia Soares e Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. Trad. de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes: 2016.

KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*. Vol. I. Trad. de Álvaro Valls e Marília Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOPES, Paulo H. S. *O labirinto existencial-religioso*: a dialética entre forma e conteúdo no estilo da obra kierkegaardiana. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 92p., 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*, ou Helenismo e pessimismo. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PIEPER, Frederico. Fenomenologia da religião como essencialista e criptoteologia: reconsiderações críticas. *Horizonte*, v. 17, n. 53, p. 801-831, 2019.

PLATINGA, Alvin. Trad. de Desidério Murcho. *Deus, a liberdade e o mal*. Tradução: Desidério Murcho. São Paulo: Vida Nova, 2012.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

TAYLOR, Mark C. *About Religion*. Economies of Faith in Virtual Culture. Chicago: Chicago University Press, 1999.

TAYLOR, Mark C. *After God*. Chicago: Chicago University Press, 2007.

TAYLOR, Mark C. *Kierkegaard's pseudonymous authorship*: a study of time and self. New Jersey: Princeton University Press, 1975.

TAYLOR, Mark C. *Rewriting the Real* in conversation with William Gaddis, Richard Power, Mark Danielwski, and Don DeLillo. New York: Columbia University Press, 2013.

TIERNEY, John. Do You Suffer From Decision Fatigue?. *New York Times Magazine*, 17 ago. 2011. Acesso em 26 ago. 2024. Disponível em: https://www.nytimes.com/2011/08/21/magazine/do-you-suffer-from-decision-fatigue.html

TIILICH, Paul. *Teologia da cultura*. Trad. de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

YAROW, Jay. Zuckerberg: "I Wear The Same Thing Every Day". *Business Insider*, 2 out. 2012. Acesso em 26 ago. 2024. Disponível em: https://www.businessinsider.com/zuckerberg-i-wear-the-same-thing-every-day-2012-10